

No Brasil, o acesso dos indígenas ao ensino superior ainda é restrito. Dados recentes revelam que as vagas oferecidas pelas universidades brasileiras não chegam a 0,05%; e ocorre que apenas uma parte dos indígenas ingressantes na universidade conseguiu concluir os cursos. A monitoria indígena é uma experiência acadêmica muito valiosa, pois o aluno veterano, não indígena, pode constatar as barreiras enfrentadas pelo aluno indígena, no meio acadêmico, e construir possibilidades didático-pedagógicas, com o acompanhamento do professor orientador, no sentido da superação das mesmas. Assim, está sendo realizado um trabalho com o aluno indígena, ingressante na Faculdade de Agronomia, semestre 2010.1, tendo como objetivos identificar os principais entraves da entrada e da permanência do mesmo na UFRGS. Como métodos de trabalho optou-se pela realização de encontros sistemáticos e construção de um ambiente cordial, procurando sempre valorizar os saberes tradicionais do aluno indígena e explorar as oportunidades que a UFRGS oferece. Estudos apontam que tem sido um desafio para o aluno indígena cumprir as normas da universidade. Há falta de sincronia entre seu tempo cultural e as demandas acadêmicas, gerando altos índices de atrasos e falta de frequência nas aulas, não realização de provas e não entrega de trabalhos acadêmicos nas datas previstas. Neste contexto o papel da monitoria é procurar mediar o diálogo entre o estudante indígena com a orientadora, a COMGRAD, os professores regentes e a SOE. Com base no pouco tempo de monitoria indígena realizada, é prematuro discutir o tema e tirar conclusões porque ainda não temos dados desta experiência, todavia, num primeiro momento, tem sido motivador construir um diálogo intercultural e contribuir para que a participação do acadêmico indígena na UFRGS seja uma forma de respeitar a diversidade cultural e construir um Brasil mais justo.